

SER CRISTÃO

Jorge Alves Barbosa

No âmbito geral destes Encontros sobre o tema "Ser Cristão em Igreja para o Mundo", serão abordadas diferentes facetas da vida cristã, de acordo com os três pontos sugeridos, nomeadamente a dimensão comunitária e a intervenção no mundo. Por isso mesmo, e por muito restritivo que possa apresentar-se o tema e sabendo que corremos o risco de uma certa aridez, vamos centrar-nos aqui unicamente na questão do "ser cristão" ou mais concretamente na "identidade cristã".

1. O conceito de "cristão":

1.1 - Valores e ambiguidades no conceito de "cristão"

Ao falarmos de "ser cristão" deparamos imediatamente com a dificuldade de tratar um assunto que pode parecer rotineiro, algo demasiado elementar para que se possa abordar em qualquer reflexão. Vivemos num país que se afirma de tradicionalmente cristão, partilhamos de uma civilização cristã e, por muito que, hoje em dia, o cristianismo venha sendo contestado em diversos sectores da sociedade, o certo é que os cristãos ou o facto de alguém se apresentar como tal são, para o bem e para o mal, pontos privilegiados de referência.

A questão torna-se mais actual quando o próprio conceito de cristão é retirado do seu contexto para adquirir significações mais amplas e por ventura equívocas. Causou um certo furor, aqui há uns anos um livro do pensador marxista francês Roger Garaudy intitulado *Palavra de Homem*, onde o autor terminava com a expressão "sou cristão". Pensou-se então que estávamos perante um anúncio de iminente conversão (o que motivou um interesse acrescido nos meios intelectuais católicos), mas a sua conversão ao "islamismo" veio deitar por terra esse optimismo. Apesar disso, a referida obra não deixa efectivamente

de apresentar alguns elementos dignos de nota, na medida em que pode relevar alguns aspectos objectivamente mais válidos do cristianismo enquanto movimento social. Diz esse autor: "a minha tarefa de comunista é restituir um rosto à esperança dos homens; viver segundo a lei fundamental do ser: o amor. A cruz ensinou-me as suas renúncias; a ressurreição as superações. Sou cristão"¹. São estas as palavras conclusivas do referido ensaio.

Se estas afirmações finais podem ser assumidas por qualquer cristão, se elas resumem alguns dos aspectos fundamentais do cristianismo, elas não conseguem apresentar o essencial do "ser cristão", na medida em que podem ser honestamente assumidas por quem afinal se sente bem longe da fé cristã. Efectivamente, poderíamos perguntar: afinal para que serve acreditar? Foi exactamente essa uma das perguntas colocadas a João Paulo II por Vittorio Messori na entrevista que deu origem ao livro *Atravessar o limiar da esperança*. "Muitos, formados por uma espécie de pragmatismo ou utilitarismo perante o anúncio cristão, parecem dispostos a aceitar o seu fascínio, mas acabam depois por perguntar: Para que serve acreditar; não será possível levar uma vida honesta e recta sem ter que se incomodar com tomar a sério o Evangelho?"² Não duvido de que esta mesma pergunta terá assaltado muitos dos espíritos dos presentes, e talvez seja hoje em dia uma das principais objecções que se apresentam ao cristianismo, sobretudo quando apresentada nos moldes de quem diz: "os que praticam a religião cristã são muitas vezes piores do que os outros".

É evidente que o Papa, como a doutrina da Igreja, não nega que qualquer pessoa não crente possa ser capaz de praticar acções honestas e nobres. A própria expressão "homens de boa vontade" faz parte do vocabulário comum para significar esse grupo de pessoas e sabemos que a Igreja aceita para a salvação a existência de caminhos que só a misericórdia de Deus compreende.³ Por isso mesmo a pergunta e a dúvida se torna mais pertinente ainda para nós hoje,

¹ROGER GARAUDY, *Palavra de Homem*, Ed. D. Quixote, Lisboa 1975, p. 203

²JOÃO PAULO II, *Atravessar o limiar da Esperança*, Planeta, Lisboa, 1994, p. 173

³ Depois de falar da grandeza do mistério da encarnação e do facto de por ela Cristo se unir de certo modo a cada homem, a Const. "Gaudium et Spes" conclui: "E o que fica dito vale não só para os cristãos, mas para todos os homens de boa vontade em cujos corações a graça opera ocultamente. Com efeito, já que por todos morreu Cristo, e a vocação última de todos os homens é realmente uma só, a saber, a divina, devemos manter que o Espírito a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal por um modo só de Deus conhecido"(G.S. n. 22) .

obrigando-nos a procurar para além da simples dimensão humana o sentido e alcance do "ser cristão".

1.2 - Chamar-se e ser chamado "cristão"

Um dos aspectos importantes que o cristianismo trouxe à cultura e civilização ocidental e cujo alcance mais adiante poderemos abordar é o do nome. Na maior parte dos casos exibimos um nome de Baptismo, e mesmo os não baptizados são chamados por nomes de origem cristã. É um facto que hoje em dia tal se vai perdendo infelizmente e isto porque talvez não tenhamos dado ao nome aquele sentido que ele deveria revestir e talvez a escolha do nome venha obedecendo a critérios que pouco têm a ver com a tradição cristã. Se este caso deveria ser objecto de um certo cuidado pastoral, creio que nos pode ajudar também o procurar redescobrir o verdadeiro alcance do nome, quer como ligação à história, quer como relação com o próprio futuro que preparamos aos que nascem. Se percebêssemos tudo isso não estranharíamos os nomes por vezes complexos de certas culturas, ou estranhamente longos de alguns estratos sociais.⁴ Recordo por exemplo o facto de os orientais ostentarem um nome ligado à sua cultura e terem depois um outro nome "cristão" que vão buscar à Sagrada Escritura ou a algum santo. Quer isto dizer que para eles, ser um indivíduo ou cidadão de um determinado país e ser "cristão" são realidades não forçosamente coincidentes.

1.3 - O "cristão" na Sagrada Escritura

Por paradoxal que pareça, na Sagrada Escritura fala-se muito pouco de "cristãos". São apenas quatro os textos em que essa palavra aparece. É fundamental o texto de Act 11, 26 onde se diz que "foi em Antioquia que pela primeira vez se deu aos discípulos o nome de cristãos"; aparece depois outro texto em ambiente polémico quando Agripa pergunta a Paulo: "com os teus

⁴ Por acaso quando estou a escrever estas linhas ocorre em Braga o baptizado do Infante D. Afonso de Santa Maria Miguel Rafael Gabriel de Herédia de Bragança. Uma perspectiva de passado histórico como talvez uma certa esperança misturada de angústia pelo futuro.

argumentos, por pouco, ainda fazes de mim um cristão!...(Act. 26,28). Já mais tardiamente, um texto de 1Ped 4, 16: "mas se alguém sofre por ser cristão, não se envergonhe, antes glorifique a Deus por levar esse nome".⁵ Se quisermos procurar na Sagrada Escritura a realidade correspondente teremos que procurar a palavra "discípulo" ainda não se tratando de realidades totalmente coincidentes como veremos.

2. O discípulo de Jesus - uma abordagem escriturística.

2.1 - "Ser chamado" e "responder ao chamamento"

Aqueles que mais directamente privam com Jesus são habitualmente denominados de discípulos, pelo que é essa dimensão de discipulado que nos ocupará neste momento. É evidente que este termo se aplica aqui a todos aqueles que escutavam e seguiam a doutrina de Jesus e não apenas aos Doze, que depois seriam enviados e, portanto, Apóstolos.⁶ Se a palavra "cristão" aparecia apenas quatro vezes no Novo Testamento, a palavra "discípulo" no singular, aparece trinta e seis, enquanto que a palavra no plural é usada no Novo Testamento duzentas e trinta e sete vezes, distribuídas pelos quatro sinópticos, João e Actos dos Apóstolos.

Há um elemento fundamental a ter em conta desde o princípio: o seguimento de Jesus é algo que parte da iniciativa do próprio Jesus, ou seja, não é por iniciativa do homem, mas de Jesus Cristo que se começa uma relação com Ele. É preciso ser chamado e todos aqueles casos em que foram os homens a tomar a iniciativa deram mal... O primeiro candidato é desanimado por Jesus (Lc 9, 58) "as raposas têm suas tocas e as aves os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça"; há um outro candidato que se oferece, mas põe condições: "seguir-te-ei, mas deixa-me primeiro sepultar meu pai" (Lc 9,59) ao que Jesus responde abruptamente "deixa que os mortos sepultem os seus mortos!...". Um terceiro propõe: "seguir-te-ei, Senhor, mas deixa-me ir

⁵ Ainda existe outra passagem em 1Cor 9, 5: "Não teremos direito a levar conosco um mulher cristã como os demais apóstolos, os irmãos do Senhor e Cefas?"

⁶ Este sentido universal do chamamento é apontado por Mc 8,34-38 e Lc 9,23 que aplicam a "todos" o que Mt 16,24 aplica apenas aos Doze.

despedir dos de minha casa" (Lc 9, 61-62) ao que Jesus responde: "quem deita as mãos ao arado e olha para trás não é digno do reino de Deus".

Vemos por este grupo de textos que ser discípulo de Jesus tem as suas implicações para além de corresponder a um resposta mais que a uma proposta, o que nos começa a deslindar alguns dos aspectos fundamentais do ser discípulo.⁷

2.2 - A radicalidade de uma decisão

Ao contrário das propostas entusiásticas, mas um tanto ingénuas de alguns que pretendiam seguir Jesus, mas incapazes de assumir o seguimento com as suas consequências e na sua radicalidade, encontramos o caso daqueles que são efectivamente convidados por Jesus para O seguirem e repentinamente, sem hesitações, e mesmo aparentemente de uma forma precipitada "deixam tudo para o seguirem" (Mt 4,20-22). A radicalidade de um seguimento e de uma opção por Jesus é acentuada pelo mesmo Jesus com uma linguagem que por vezes pode mesmo ferir a nossa sensibilidade, nomeadamente pelo modo como traduzimos: "Se alguém vem após mim e não odeia seu pai... e mesmo a própria vida não pode ser meu discípulo" (Lc 14,26)⁸. Esta palavra implica sobretudo a indiferença do discípulo face a tudo o resto ou seja, perante o chamamento de Jesus a resposta com as suas implicações deve ser absolutamente prioritária. "O que com a palavra odiar se pretende significar é que se exige para ser discípulo uma exclusividade que implica a renúncia a todos os laços familiares mais íntimos e mesmo a própria vida, ou seja, o seguimento de Jesus implica a ruptura dos laços familiares se estes são impedimento".⁹

2.3 - Fases do discipulado

⁷ A estes casos se pode acrescentar o do Jovem rico de Mc 10, 17-22 onde a questão está em alcançar o reino de Deus que encontra aqui o obstáculo das riquezas e a incapacidade de deixar...

⁸ Esta radicalidade vê-se sobretudo em Mc 14,26 e Lc, 9 62. A necessidade de um despojamento vem expressa em Mc 10,21; Mt 4, 20-22; Lc 5, 27.28.

⁹ Cfr. RUIZ DE LA PEÑA, *El don de Dios*, Ed. Sal Terrae, Santander, 1991, p. 240. Seguimos esta obra no fundamental do assunto em questão.

Entrar no reino de Deus implica assim três fases fundamentais: em primeiro lugar uma iniciativa de Deus concretizada num chamamento; ninguém pode seguir Jesus se sem chamado. Em segundo lugar implica um despojamento no sentido de libertar-se de tudo o que seja apego a bens, a tradições, ao passado, a ideias próprias, a família ou outro tipo de laços incompatíveis; finalmente implica um seguimento de Jesus.

Para que este seguimento se torne efectivo e verdadeiramente possa ultrapassar os normais laços de relacionamento humano, exige-se algo mais. Só num contexto de fé se pode compreender e assumir um seguimento, sob pena de redundar no fracasso daqueles que se ofereciam. É por isso que Jesus sempre apelava à fé para a compreensão dos seus milagres, para assegurar a confiança no seu poder e na sua missão.¹⁰

3. Do discípulo ao cristão: uma relação pessoal com Jesus

A resposta ao chamamento de Jesus por parte dos discípulos, muito mais que uma relação com um sistema de doutrina ou a aceitação de um conjunto de verdades e de ideias, implica uma relação pessoal com Jesus. Nesta dimensão de relacionamento pessoal se começa a delinear um dos aspectos essenciais e verdadeiramente originais do "cristão".

3.1 - Seguir Jesus

A primeira atitude do discípulo é a do seguimento como resposta à iniciativa de Jesus (Mc 1,17; 2,14, 10,21; Mt 4,19, Lc 9,59 e Jo 1, 43), sabendo nós que no NT o verbo "seguir" implica sempre uma vinculação à pessoa de Jesus.¹¹ Entre Jesus e os discípulos estabeleceu-se uma relação pessoal que ultrapassava o que era habitual entre Mestre e aluno, relação já então muito mais estreita que o que se experimenta habitualmente hoje em dia. Esta relação deriva

¹⁰ Ver Mt 18,6; Mc 9,42; 15,32 e Mt 27,42.

¹¹ Cfr. ISIDRO ALVES, "Do discípulo ao cristão" in *Communio*, I,1, p. 22. e RUIZ DE LA PEÑA, *o. cit.* p. 241.

de um elemento fundamental e decisivo: Jesus ensinava muito mais com as suas obras e o seu exemplo que com palavras, pelo que ultrapassava os mestres e rabinos pelo saber, pela sua liberdade relativamente à Escritura, mas sobretudo porque se revelava "poderoso em obras e palavras" (Lc 24,19). Os discípulos de Jesus "aprendiam dele" (Mt 11,29) e "acreditavam nele" (Jo 6, 29). Neste contexto não deixa de ser paradigmático o contacto estabelecido com os discípulos tal como o narra o Evangelista João: "Jesus, voltando-se e vendo que o seguiam (depois de ter sido apresentado por João Baptista), disse-lhes: 'Que procurais'? - Eles responderam: 'Mestre, onde moras?'. Disse-lhes então: 'Vinde ver' (Jo 1, 38-39). Há um tom particularmente familiar neste diálogo, e o impacto deste primeiro encontro deveria ter sido tal que João recorda mesmo a hora: pelas três da tarde.

Seguir Jesus é, particularmente para o quarto evangelista, o "acolhimento de Jesus como revelador do Pai, um acolhimento que implica a fé a submissão e a obediência e conduz à comunidade de vida e à participação do discípulo na obra do mestre".¹² É por isso que a tarefa dos discípulos de Cristo não é a de repetir uma doutrina, mas antes a de testemunhar o que viram e ouviram (Lc 24,48 e Act 1,8).

3.2 - Andar com Jesus

Mais do que deixar tudo para seguir Jesus e escutar a sua doutrina, a relação dos Discípulos exprime-se por um "andar com Jesus", correspondendo ao tom de familiaridade já anunciado pelo evangelho de João. Já no Antigo Testamento a figura do justo, daquele que era fiel aos seus preceitos se media pelo "andar com Deus"; mas este sentido do "andar com Jesus" permite-nos passar a uma dimensão mais profunda do discipulado que ainda se percebe melhor quando nos encontramos com o texto de Jo 6, 66 onde se diz que "a partir de então muitos dos seus discípulos voltaram para trás e já não andavam com ele". Deixar de andar com Jesus significa deixar de acreditar nele, significa deixar de dar apreço à sua palavra, ao passo que na resposta de Pedro encontramos a razão fundamental de um seguimento: "Para quem iremos nós, Senhor? Vós tendes palavras de vida eterna" (Jo 6, 68).

¹² ISIDRO ALVES, *ibidem*. Seguimos fundamentalmente este artigo na exposição deste ponto.

Se a relação de "seguimento" correspondia fundamentalmente à presença de Jesus histórico, ou seja, antes da ressurreição, esta ideia de "andar com Jesus" permite entender já, uma união mais íntima. Por isso, quando João e Paulo pretendem referir esta relação do discípulo com Jesus falam jde uma imitação e de uma fé total na sua palavra e na sua missão e não só de uma escuta da mesma palavra. "Crer em Jesus e seguir Jesus são duas atitudes que se implicam mutuamente; não podem existir em separado. Deste modo se instaura entre Mestre e Discípulo um vínculo afectivo tão sólido que desafia os obstáculos e torna suave o jugo e leve a carga (Mt 112,29-30) do sofrimento".¹³

3.3 - Permanecer em Jesus

Para Paulo o discípulo é muito mais do que aquele que escuta a palavra de Jesus, ou que responde ao seu chamamento. Paulo tem presente já o Cristo pós-pascal, não fisicamente presente, mas intimamente ligado aos seus discípulos que a Ele se conformam pela imitação e pela comunhão no próprio sofrimento de Cristo (1 Cor 1, 11 e 2 Cor 4,10 e Fil 3, 10).¹⁴ João por sua vez utiliza uma linguagem muito mais profunda. Para este, o verdadeiro discípulo é aquele que "permanece" em Jesus e "Jesus permanece nele"; a significativa quantidade de textos a este respeito denota a importância de tal conteúdo para o quarto evangelista. (Jo 6,56; 15,4; 14,10; 15, 10 e 1Jo 2,24). Permanecer em Jesus significa fundamentalmente guardar o mandamento do amor (Jo 13,34), numa comunhão que afinal é obra do próprio Espírito Santo que assim os levará à verdade total (Jo 14,17).

3.4 - Do discípulo ao cristão...

Mais do que um simples título dado aos seguidores de Cristo por parte dos pagãos tal como o refere o livro dos Actos, a passagem do discípulo ao cristão implica um relacionamento de ordem diferente e que encontra em Paulo o seu mais profundo sentido. Paulo não conhecera Jesus e a sua relação com Ele

¹³ RUIZ DE LA PEÑA, O. cit. pag. 242.

¹⁴ Este aspecto é bastante desenvolvido na Enc. de JOAO PAULO II, "O Esplendor da Verdade", n. 18-21.

baseia-se essencialmente na experiência de Damasco assumindo portanto uma dimensão pós pascal. Assim, mais do que uma relação de mestre-discípulo, que era mais cara aos evangelhos sinópticos, Paulo fala preferentemente do relacionamento do homem-cristão com Cristo; para tal usa expressões como "ser de Cristo", "estar com Cristo" ou "estar em Cristo". Tudo aquilo que na nossa vida significa esse relacionamento é algo que Paulo faz e manda fazer "em Cristo"; se Cristo é entendido como mediador da nossa oração e da relação com o Pai, então Paulo usa a expressão "por Cristo": por Cristo, Deus desce até nós e nós podemos subir até Deus. A vida e actividade do cristão é a vida e actividade de quem está em união com Cristo (1Tes 5,10; Fil 1,23). Daqui advêm algumas consequências que Paulo relaciona directamente com o Baptismo.

Assim, enquanto que a expressão "discípulo de Jesus" representava a relação dos que andavam com Jesus durante a sua vida terrena, a palavra "cristão" refere preferentemente aqueles que seguem Jesus ressuscitado e a Ele se conformam mediante uma relação de fé. Assim, enquanto que os discípulos tinham uma relação profunda mas ainda exterior com Jesus, o cristão é aquele que vive com Cristo uma relação interior, pois Jesus ressuscitado actua no interior de cada crente, dando-lhe uma vida diferente, uma vida que transforma a natural maneira de viver. Por isso o cristão não é simplesmente alguém que conhece uma doutrina e cumpre um conjunto de regras ou leis a que chama mandamentos, ou actua segundo um código de normas morais mais ou menos particulares; muito menos o cristão é simplesmente alguém que se define por um determinado tipo de prática cultural. O cristão é alguém cuja vida é encarada numa perspectiva que ultrapassa as dimensões da vida natural, alguém para quem "viver" ultrapassa a dimensão da simples actividade biológica ou o relacionamento social, alguém para quem o facto de viver é já em si mesmo um facto diferente e particular.

4. O Baptismo como fundamento da identidade cristã

Neste relacionamento do cristão com Cristo apresentado por S. Paulo encontra um sentido particular o Baptismo. Este é realmente o ponto de partida para o diálogo do homem com Deus, S. Paulo tem sempre presente o homem que

pelo Baptismo assumiu livremente as consequências de uma vida de relação com Cristo, mesmo que essas consequências sejam por vezes dolorosas como as suas Cartas testemunham. Efectivamente era muito fácil para os primeiros cristãos esquecerem as implicações do Baptismo para a vida social e, muitas vezes, para um património e tradição cultural de relacionamento com os pagãos. As comunidades de origem grega foram particularmente trabalhosas para Paulo e para os primeiros responsáveis da Igreja¹⁵.

Mas é o Baptismo que, para além de integrar a pessoa na Igreja, lhe confere as raízes de uma vida e identidade própria,¹⁶ identidade essa que, como já apontámos acima é simbolizada no nome próprio - o nome de baptismo - esse que é nosso e nos distingue. Na Sagrada Escritura encontra um significado particular a mudança de nome como conferindo uma nova missão¹⁷ e em certo sentido uma escolha; ao mesmo tempo o "dar o nome" implicava um certo domínio (Gén 2, 20).

4.1 - "O Baptismo regenera para a vida"...

Ao falar do Baptismo cristã teremos forçosamente que ir ao evangelho de S. João, ao diálogo particular de Jesus com Nicodemos (Jo 3). Não deixa de ser curioso o facto de um assunto tão importante estar ligado a um diálogo particular, mas isso se pode compreender pelas características um tanto particulares do evangelho joanino. O Baptismo é um novo nascimento, uma regeneração, não na incompreensibilidade de um regresso ao seio materno, mas no facto de cada homem, ao ser baptizado, assumir um sentido de vida diferente, "regenerado pela palavra de Deus, viva e eterna" (1Ped 1,3-4) como que escutando aquela voz de Deus que Jesus escutou ao sair das águas do Jordão: "Tu és meu filho muito amado; em ti pus todo o meu enlevo" (Lc 3,22). É esta mesma a linguagem que a *Exortação Apostólica "Christifideles laici"* retoma ao falar desta questão e o próprio ritual do Baptismo nos recorda, nomeadamente no rito da veste branca: "N. agora és nova criatura e estás revestido de Cristo". Aliás esta ideia de nova

¹⁵ Ver INACIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos Magnésios*, 6,1-9,2)

¹⁶ Cfr. JOÃO PAULO II, *Enc. "O Evangelho da Vida"*, n. 31-38.

¹⁷ É o caso conhecido de Abraão, de Sara, de Simão que é mudado para Pedro ou de Saulo para Paulo e muitos outros casos testemunhados pela Escritura. O mesmo sentido assumia a mudança de nome dos Religiosos outrora, bem como a ainda actual dos Papas.

criatura que o evangelista S. João desenvolve no diálogo de Jesus com Nicodemus, é também cara a Paulo que fala de uma "nova criação".

4.2 - "...une a Cristo ressuscitado"

O Baptismo realiza uma incorporação mística mas real, no corpo crucificado e glorioso de Jesus. Através do sacramento, Jesus une o baptizado à sua morte para uni-lo à sua ressurreição (Jo 15,1), despoja-o do homem velho para o revestir do homem novo. (*Ch. Laici*, n. 12). Sendo uma incorporação na Igreja e como tal algo que representa uma grande dose de responsabilidade, o Baptismo é também uma união a Cristo que se realiza e actualiza na fé. Daí que as consequências deste facto a nível pastoral - pedir e conceder o Baptismo a alguém - deverão consciencializar-nos um pouco mais das nossas responsabilidades. É que esta incorporação a Jesus Cristo, simbolizada pelo Mestre na parábola da videira e dos ramos, não significa apenas a união dos discípulos entre si, mas a união deles com Jesus e mesmo a união de Jesus com o Pai. O cristão é uma imagem da união íntima e misteriosa das pessoas divinas (Cfr. Jo 17,21).

4.3 - "... e faz-nos Templos do Espírito Santo"

O cristão é, pelo Baptismo, destinado a ser morada de Deus, como recorda a *Const. "Lumen Gentium"* quando diz que "os baptizados são consagrados para serem uma morada espiritual" (L.G. n. 10) através da unção do Espírito Santo. O Espírito imprime no Baptizado a sua marca indelével (2Cor 1,21-22), faz dele um templo espiritual, quer dizer, enche-o com a santa presença de Deus graças à união e conformação com Jesus Cristo (*Ch. Laici*, n. 13). No fundo, encontramos aqui o sentido para o chamamento-reposta de que falava S. João: "se alguém me tem amor guardará a minha palavra, meu Pai o amará, nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada" (Jo 14,23)¹⁸.

¹⁸ Cfr. PIERO CODA, "O seguimento de Cristo como inabituação da Trindade, no Evangelho de S. João", in *Communio* 5(1994), p. 389-404.

Se as consequências do Baptismo são importantes do ponto de vista da missão e actuação do cristão, não deixam de lhe conferir uma dignidade e um modo de ser que fazem especialmente diferente a ponto de podermos concordar com João Paulo II quando diz que "o aspecto mais significativo da fé é o próprio acto de acreditar".¹⁹

5. A identidade cristã e suas consequências

Em tempos de um passado não muito longínquo ainda, ser cristão era quase algo tão natural como ser homem. Num contexto de "cristandade", de sociedade cristã, o mais notório era o "não ser cristão" pelo que não haveria propriamente necessidade de uma afirmação clara da fé, ou mesmo esta nem se questionava, para o bem e para o mal. O que era anormal era o atentar contra um conjunto de valores que se considerava tradicionais e fazendo parte integrante de um património por todos assumido. Isso trouxe como consequência terem-se esquecido alguns elementos essenciais do próprio evangelho: é que assim o cristão sentia-se a massa levedada e não propriamente, como refere o evangelho, o fermento na massa. Os cristãos foram sempre um minoria no seio das sociedades e parece que o caminho que hoje deveremos seguir é o da tomada de consciência dessa mesma condição de minoria...

Sem esquecer a relação com os outros cristãos, na medida em que o cristão se realiza em comunidade, e não se isolando do mundo, mas assumindo as responsabilidades da sua cristianização - temas que encontrarão resposta a nas comunicações seguintes - o cristão deve assumir-se também na sua individualidade. evitando a tentação de tudo esperar dos outros, e superando mesmo aquela tentação tão dos nossos meios de se limitar a criticar os que algo vão fazendo na melhor das intenções.

5.1 - Uma dimensão pessoal da fé

¹⁹ JOAO PAULO II, *o. cit.*

"O que deveis pedir para mim é apenas que eu tenha fortaleza interior e exterior, para que seja firme não só no falar, mas também no querer, para que seja cristão não só de nome, mas de facto". Eis um pedido que é um lema de vida deixado em testamento por Santo Inácio de Antioquia quando se dirigia a Roma para ser martirizado.²⁰ Aliás esta é uma ideia constante ao longo dos escritos deste santo varão do séc. I, apontando para a necessidade de uma dimensão pessoal da vivência da fé.

Se o Baptismo nos confere a dignidade pessoal de filhos de Deus, é segundo esse mesma dignidade pessoal que deveremos crescer. Se em grande parte somos responsáveis por um processo de crescimento físico e intelectual, se o desenvolvimento cultural vai sendo um facto crescente nos nossos meios, e se o cuidado da imagem faz parte das preocupações de cada vez maior número de pessoas, ao mesmo nível deveremos colocar as nossas preocupações por um crescimento pessoal a nível da fé e da consciência cristã.

5. 2 - Deixar-se conduzir pela Palavra de Deus

A nossa identidade cristã define-se, hoje, e em grande parte por uma relação cada vez maior com a palavra de Deus. "Para conhecer a verdadeira identidade de Cristo é preciso que os cristãos regressem com renovado interesse à Bíblia (...) No texto revelado, é o Pai celeste que vem amorosamente ao nosso encontro e se entretém connosco a manifestar-nos a natureza do Filho unigénito e o seu desígnio de salvação para a humanidade". É assim que João Paulo II, retomando palavras da *Const. Conciliar sobre "A Divina Revelação"* nos interpela para um aprofundado conhecimento da palavra de Deus, que nos ajude a descobrir a identidade de Cristo. E é evidente que a nossa identidade se deve também alicerçar num contacto profundo com a Palavra de Deus, não num sentido de fanatismo e ignorância atrevida como vem sendo uma característica de algumas seitas, mas num contacto que faça cada vez mais vida aquela palavra que antes de ser escrita foi vida também.

Precisamos urgentemente de superar séculos de afastamento e desconfiança relativamente à Bíblia, à sua leitura, e particularmente aos estudos bíblicos. Se não nos poderemos definir como "povo do livro", à semelhança de

²⁰ INACIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos Romanos*, 3,1-5-2.

judeus e muçulmanos, teremos isso sim necessidade de redescobrir a vida que palpita naquelas "palavras de vida eterna" É que "na Sagrada Escritura manifesta-se, salvas sempre a verdade e a santidade de Deus, a admirável condescendência da eterna sabedoria para conhecermos a inefável benignidade de Deus e com quanta acomodação Ele falou, tomando providência e cuidado da nossa natureza".²¹

5.3 - Uma visão actual dos mandamentos

Muitos dos aspectos da presença cristã no mundo de hoje e da identidade dos cristãos definem-se por uma determinado modo de conduta moral. É a dimensão mais falada e, porventura, a mais contestada do cristianismo. A moral cristã é vista como demasiado restritiva e os mandamentos como algo de ultrapassado. É fundamental que os cristãos redescubram, no contacto com a Lei de Deus, aquele sentido de liberdade e felicidade que nos é cantada por exemplo nos salmos 18B ou 119.

Ao jovem que lhe pergunta o que deve fazer de bom para alcançar a vida eterna, responde Jesus recordando os mandamentos. No seguimento dessa resposta de Jesus, João Paulo II propõe-nos uma releitura dos mandamentos para os dias e as circunstâncias de hoje na *Encíclica "O esplendor da Verdade"*. Encíclica falada e contestada nos primeiros contactos, corremos o risco de se esquecerem muitos dos valores que dali dimanam nomeadamente numa visão profundamente evangélica da moral cristã e da necessidade de conferirmos ao exemplo de Jesus a sua verdadeira dimensão. Na resposta de Jesus "enuncia-se uma estreita relação entre a vida eterna e a obediência aos mandamentos de Deus; são estes que indicam ao homem o caminho da vida e a ela conduzem (V.S. 12); são eles que constituem a primeira etapa necessária no caminho para a liberdade (V.S. 13)

5.4 - Numa perspectiva de Bem-aventurança...

Mas o cristão não se limita a ter os mandamento presentes na sua maneira de ser e estar no mundo. Eles prometem, numa perspectiva própria e

²¹ Const. Conciliar "Dei Verbum" n. 13. Ver ainda n.os 22 e 25.

definida, o bem que o homem procura e se consubstancia na vida eterna. As bem-aventuranças - como elemento introdutório no próprio discurso do Senhor sobre a Lei de Deus - dizem que o cristão é aquele que, no meio das contradições da vida, sabe não ser esse o destino definitivo e representam, no fundo, "atitudes e disposições de fundo da existência humana" (V.S. 16)

6. - Conclusão: Identificar-se com Jesus Cristo

Como nos diz S. Gregório de Nissa²² "uma vez que a bondade do Senhor nos concedeu uma participação no maior, no mais divino e no primeiro de todos os nomes, ao honrar-nos com o nome de cristãos, que deriva do de Cristo, é necessário que todos aqueles nomes que exprimem o significado desta mesma palavra se vejam também reflectidos em nós". Três coisas distinguem a vida do Cristão: o pensamento, a palavra e a acção, de modo que nestas três dimensões deveremos ver o que realmente nos orienta ou nos afasta de Cristo.

A dimensão pessoal do cristão, a identidade cristã define-se assim segundo esta profunda ligação à pessoa de Jesus Cristo de modo a que "tudo o que fizerdes por palavras e obras seja tudo em nome do Senhor Jesus Cristo, dando graças por ele a Deus Pai" (Col 3,17). Se a identidade cristã não se limita a uma dimensão cultural ou ritual, a relação com o Pai na oração foi uma das imagens mais significativas que Jesus nos deixou. Anexa a esta identificação com Cristo está a ideia de missão e apostolado e a consequente transformação do mundo. Porém, nenhuma destas realidades terá sentido se o cristão não se sente profundamente unido a Cristo. Não sei se não estará num demasiado afastamento desta relação com Jesus, a ineficácia ou a frustração que marca tantas vezes as nossas realizações pastorais ou uma prática religiosa pautada pela exterioridade e mesmo por um inconsciente apego mais a costumes e tradições que ao dinamismo do próprio Evangelho.

No seio de uma sociedade que hoje vive orientada por um sentido de progresso que ultrapassa os limites da dignidade humana, e por um ideal de vida condicionado em moldes de consumo em vez de tender para o crescimento e a

²² S. GREGÓRIO DE NISSA, *Tratado sobre a perfeição da vida cristã*, PG, 46 (Cfr. Lit. Horas, Sem.XII do T. Comum).

promoção humana, onde o sentido de prazer imediato se confunde com bem estar, talvez mesmo "ser cristão" seja ser sinal de contradição. Efectivamente, foi "contrariando a desesperança de uma religião perdida no labirinto emaranhado de ritos e normas que Jesus soube erguer os olhos ao céu e chamar por Deus como uma criança que fala com seu Pai (Mt 18,3) com a mesma simplicidade, com a mesma intimidade e o mesmo abandono confiado".²³

Ser cristão é crer em Jesus Cristo e entendê-lo como critério de fé, mas um Cristo que se revela particularmente no sofrimento; reconhecer em Cristo crucificado, cuja imagem veneremos, o Cristo ressuscitado e glorioso é o mesmo desafio que se nos lança hoje no alto do calvário da sociedade contemporânea onde os permanentes e acutilantes sinais de morte e desespero nos devem fazer declarar como o Centurião: "verdadeiramente este era o filho de Deus" (Mc 15, 37-39).

Ser cristão é responder ao convite de Jesus para a instauração do Reino de Deus como reino do homem, onde os pecadores são os preferidos, onde os pequenos são os maiores e onde os últimos são os primeiros. Não o reino do poder e da força, mas da debilidade e da graça".²⁴

Ser cristão é viver e vencer o desafio permanente da tensão entre o que se vê e o que se afirma, é saber retirar desta nossa identidade e da graça que nos anima a força que não apenas faz acreditar em Deus, mas também nos homens, é superar os sinais de decadência e falar em renovação, é superar os sinais de morte e falar de vida a construir; é assumir hoje a "alegria de dar o próprio contributo para a presença de Jesus no próximo século e nos sucessivos até à conclusão dos tempos".

²³ J.JEREMIAS, *Abba*,; citado em J.T. MENDONÇA, "A fé como resposta na Bíblia" in *Communio* 5(1995), p. 393. "A criança encarna a pureza e a inocência, mas sobretudo é o protótipo da necessidade absoluta do pai para sobreviver. Portanto, o que Jesus trata de inculcar nos seus ouvintes poderia parafrasear-se deste modo: se não aprenderdes a estar diante de Deus como crianças diante do pai, não entrareis no reino" (RUIZ DE LA PEÑA, *o. cit.* p. 243).

²⁴ RUIZ DE LA PEÑA, *o. cit.*, pág. 247.